

PONTES OU TRAMPOLINS

Celia Passos¹

Com muita frequência a escola, a família, a comunidade, além dos próprios alunos e professores experimentam a violência no contexto escolar. E como o ambiente sofre influências e é influenciador, é natural que se perceba que o processo é retro-alimentado e a situação agrava-se indefinidamente.

Seja qual for a realidade do contexto, familiar, escolar ou social, é natural que em ambiente pouco acolhedor, que abriga violência física, verbal, psicológica ou social haja tensão. A escola não foge à regra.

Como resultado da desestabilidade dos alunos, há maior dificuldade de concentração; menor aprendizado e menor ainda capacidade de interação, o que leva, muitas vezes, ao esgotamento emocional. Submetido a distintas fontes estressoras, o aluno sente medos de origens variadas: trabalhos de classe; alguns dos companheiros ou algum professor², além da inconformidade com a relação de poder. Insurge-se contra a comunicação em via de mão única; e a inadequação da grade curricular aos seus interesses e necessidades. Tudo pode ser causa para o mal estar dos alunos.

Em relação ao corpo docente, as fontes estressoras, igualmente variadas, alcançam suas histórias de vida; a convivência familiar; as características pessoais; as condições da carreira e do trabalho; a forma de gestão acadêmica; o comportamento dos alunos; a relação ensino aprendizado; o relacionamento com outros professores; o clima de trabalho; sua formação; os métodos de ensino utilizados, entre outras.

A exposição a pressões causa estresse e, ao mesmo tempo, podem ser uma boa fonte condutora para a solução, vez que sinaliza que chegou o momento de quebrar paradigmas. Denota que conceitos precisam ser revisitados para oferta, provocação e estímulo a novas leituras, novas prioridades, novas escolhas e, igualmente, novas incertezas.²

Geralmente são as situações limites, em que o docente se vê sem condições de lidar com um problema grave, que acarretam uma forte pressão para a busca de novas soluções. A falta de segurança na forma de lidar com os conflitos vem sendo identificada como a maior motivação para o novo e para novas maneiras de gerir os conflitos.

A experiência vem demonstrando que os programas de convivência escolar podem ser um caminho mais curto para a solução dos conflitos e da violência na escola. Estes programas estimulam práticas que, quando incorporadas, geram resultados que ultrapassam os limites do convívio escolar e contribuem para a formação de indivíduos mais solidários, éticos, tolerantes e plenamente conscientes da interdependência inerente aos seres humanos. Deste modo, assim como ocorre em um processo de irradiação, a partir do contexto escolar, os resultados alcançam as relações familiares, as interações no seio das comunidades e as relações sociais em geral.

A convivência, em ambiente escolar, é compreendida como toda a trama de relações interpessoais estabelecidas entre todos os membros da comunidade educativa, configurandose em processos de comunicação, de exposição de sentimentos, manifestação de valores e atitudes

¹ Mestra em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Consultora, Docente, Mediadora e Tutora em Mediação de Conflitos. Fundadora do ISA-ADRS Instituto de Soluções Avançadas. Membro do Fórum permanente de Práticas Restaurativas e Mediação do TJ-RJ e da Comissão de Mediação da OAB/RJ.

² O medo de algum(ns) companheiro(s) ou algum professor pode surgir a partir de condutas que configuram o que se denomina bullying, uma palavra de origem inglesa, sem um vocábulo correspondente na língua portuguesa, que expressa a prática intencional e reiterada de um conjunto de atitudes agressivas (insultos, intimidações, apelidos cruéis, hostilidades etc) por um ou mais alunos contra outro(s), ou entre professor contra aluno(s) e vice-versa, provocando sofrimento físico e/ou dor emocional com seqüelas de dimensões variadas. ² Palestra da Professora Lia Diskin – Congresso Internacional de Justiça Restaurativa – Pernambuco – Brasil 2007.

e, ainda, o desempenho de papéis em relações que podem envolver poder e status. Deste modo, é conveniente tratar do tema da violência em contexto escolar, de forma a abranger toda a conduta considerada antissocial, desde insultos ou indisciplinas em sala de aula, até agressões físicas, danos materiais ou maus tratos entre companheiros (bullying)³.

O desenvolvimento de habilidades para gerir os conflitos, minimizando, tanto quanto possível, seus efeitos negativos e maximizando-se os efeitos positivos é a forma de atingir o objetivo da educação de formar alunos para tornarem-se indivíduos pacificadores e, por isso, a convivência no ambiente escolar implica em (e depende da) qualidade das relações interpessoais estabelecidas.

Há distintos programas e formas de trabalhar a escola e atuar na escola. Há programas com enfoque centrado no estudante, dirigido à gestão de situações de conflito deflagrado ou a uma situação de crise específica (enfoque reativo) e há programas com enfoque global, “dirigido à prevenção dos conflitos danosos e perturbadores”⁴ (enfoque pró-ativo ou preventivo).

A Mediação de conflitos é uma ferramenta adequada tanto para as crises pontuais (enfoque reativo), quanto para integrar os programas globais para prevenção de conflitos (enfoque pró-ativo). Pressupõe um processo de diálogo inclusivo, confidencial e voluntário, em que um terceiro (mediador imparcial) atua como facilitador da conversa e da negociação entre as partes em conflito, auxiliando-as na identificação de interesses comuns, complementares e divergentes, na preservação da autoria das soluções, construídas com base no consenso, no atendimento de interesses e necessidades das pessoas em questão e, ainda, na solução mutuamente satisfatória.

Os Círculos de Construção de Paz, Círculos Restaurativos e/ou Círculos de Desconstrução de Conflitos trazem novas possibilidades à escola e aos estudantes de afastarem-se dos castigos usuais para instaurar um lugar para o diálogo reflexivo entre o autor de um ato danoso/ofensivo, o receptor deste ato e os demais afetados. Permite a exata compreensão do que ocorreu, como ocorreu (segundo as percepções de cada um) os impactos causados – sua dimensão e conseqüências – permitindo, ainda, a criação de formas para minimizar os danos decorrentes do ato ou conduta errada.

Os Círculos ganham matizes e dinâmicas específicas de acordo com sua motivação e o propósito a que se destina, envolvendo maior ou menor complexidade. Há os Círculos de Conversa (Diálogo) propriamente ditos, de Celebração, Compreensão, de Desenvolvimento do Espírito Comunitário, Aprendizagem Compartilhada, entre tantos outros. Assim sendo, além dos círculos relacionados aos incidentes causadores de danos, há a possibilidade de uso, no ambiente escolar de dessas tantas formas de círculos considerando as motivações e os propósitos

Círculos na prática - experiência brasileira

No Brasil, assim como em outros países, os Círculos vêm sendo identificados como uma tecnologia de convivência de suprema importância para a convivência e para as práticas restaurativas, tendo aplicabilidade em inúmeras áreas, por promoverem o encontro de seres humanos em sua essência e em profunda conexão. O ritual do Círculo ajuda a unir as pessoas tornando-se um instrumento eficiente para a promoção da Cultura da Paz. Seus resultados são surpreendentes em escolas, visando a criar um clima positivo em sala de aula ou recreio, resolver problemas de comportamento, conflitos e para estimular reflexões e troca de experiências.

³ OLMEDILLA, Juan Manuel Moreno. Comportamiento antisocial en los centros escolares: una visión, desde Europa. Revista Iberoamericana de Educación. N. 18.

⁴ Op.Cit neste texto o autor contrapõe o enfoque centrado no estudante, o qual segundo ele é um enfoque reativo com o enfoque global, “dirigido a prevenção dos conflitos danosos e perturbadores.”, que segundo seu entendimento é um enfoque pró-ativo.

No ambiente escolar os Círculos são poderosos para resolver quaisquer questões. A experiência tem demonstrado que os jovens respondem muito bem quando são convidados ou quando aceitam ao convite para participar de um Círculo. Aprendem a agir de acordo com os valores vivenciados. E o relato de uma situação de violência escolar comprova esta afirmativa.

Uma jovem autora de uma agressão à uma colega de escola pede a diretora para instalar um Círculo Restaurativo. Foram adotadas as providências iniciais (Pré-Círculo) e, uma vez aceitos os convites, o Círculo foi instalado. Participaram: a professora da turma, a adolescente que o solicitou, a que aceitou o convite (receptora da agressão), as respectivas mães e um pequeno grupo de amigos mais próximos de ambas, além da facilitadora. Todos puderam se expressar ao longo da reunião utilizando o bastão de fala (talking piece), um dos elementos-chave do Círculo. A jovem agredida foi a primeira a falar sobre a humilhação que sentiu. Entretanto, o momento mais forte do Círculo ocorreu quando a mãe da menina autora do ato agressivo relatou suas dificuldades com a recente separação do marido, o sofrimento que passavam e seu reconhecimento da falta de habilidade para lidar com a filha em um momento em que ela mesma mal podia suportar seu próprio sofrimento. Afirmou que sabia que a filha vinha desenvolvendo um comportamento não adequado, mas se sentia impotente. O relato, de forma tão sincera e emocionada, produziu no grupo forte solidariedade. A jovem autora da agressão, por sua vez, assumiu a responsabilidade pelo que fez e se colocou de forma muito verdadeira. Narrou sua história a partir da separação dos pais. Relatou o quanto se sentia perdida e cheia de incertezas e como encontrou no comportamento agressivo uma forma sentir-se forte e poderosa. Todos tiveram a oportunidade de se expressar de forma respeitosa sobre seus sentimentos e foram ouvidos com muita atenção. As várias rodadas do bastão de fala possibilitaram a compreensão mútua, a assunção de responsabilidades e a construção de um acordo com base nas necessidades de todos os envolvidos. Ao final, no acordo construído, ficou acertado que a jovem autora da agressão permaneceria na escola após o horário, dois dias da semana, durante dois meses para estudar e, eventualmente, auxiliar outras crianças mais novas que apresentassem dificuldades no aprendizado, sempre sob a orientação de uma professora. Passado algum tempo, quando do acompanhamento do acordo (Pós-Círculo), as meninas relataram o quanto gostaram de participar do Círculo e como foi útil para elas. Afirmaram que não se conheciam bem antes, mas que ambas agora estavam permanecendo na escola para estudar juntas e melhorar as notas. Muitas vezes ao realizar o acompanhamento, percebemos que o processo ultrapassa as formalidades inerentes e os efeitos se ampliam.

Também nos locais de trabalho, em comunidades e nas relações de vizinhança, os Círculos têm servido para gerar empatia, comprometimento, criar vínculos e estabelecer limites, promovendo a convivência harmoniosa entre pessoas. São ferramentas igualmente poderosas, como se vê a partir do seguinte relato.

No final do ano passado uma empresa em processo de transformação solicitou ajuda, vez que o ambiente conflituoso prejudicava em muito os trabalhos. Ocorriam reiterados momentos de ruptura de equilíbrio e, conseqüentemente, a escalada dos conflitos. Ao invés de realizar um Círculo Restaurativo, foi sugerido um Círculo de Conversa, incluindo indistintamente todos os colaboradores independentemente dos cargos e posições. Instalado o Círculo, para a Cerimônia de Abertura – ritual de início do Círculo segundo a metodologia dos aborígenes canadenses e norte americanos – foi contada uma história infantil que convida a refletir, a história do Elefante Acorrentado, que fala de um menino que queria compreender por que o elefante poderoso do circo não conseguia se libertar da corrente que o prendia a um pequeno toco de madeira se era tão forte e sua posterior descoberta de que provavelmente, aquele elefante, quando pequenino, lutou muito e não conseguiu se libertar da poderosa corrente e, acreditando ser impossível fazê-lo passa o resto da vida amarrado ao pequeno toco. A primeira rodada foi dedicada a uma nova apresentação de cada um ao grupo. Neste momento, os participantes perceberam que tinham muito para conhecer sobre seus colegas. A tensão inicial começou a ser dissolvida. Na etapa seguinte pediu-se que os participantes falassem sobre o que consideraram mais impactante durante o ano. Alguns relataram as inseguranças geradas pelas mudanças na

empresa, outros sobre problemas pessoais tais como: filhos envolvidos com drogas, perda de emprego na família, doenças graves em pai ou mãe, aprovação de parentes em concursos públicos, perda de um familiar querido, compra do primeiro apartamento, entre outras. O mesmo foi feito agora em relação às expectativas quanto ao próximo ano. No intervalo para lanche, o vínculo estabelecido estava claro. Várias demonstrações de solidariedade e, ao mesmo tempo, descontração. No fechamento todos disseram ter adorado participar do Círculo. Alguns confessaram que, de início, não gostaram da idéia de acordar cedo no sábado para ir ao trabalho, mas que tinha sido muito importante. O grupo percebeu o vínculo que construíram e valorizou esta conquista. Alguns concluíram que muitos desconfortos decorreram de interpretações equivocadas. O Círculo de Conversa por vezes é bastante simples e promove grandes mudanças. É um espaço para contar histórias. Para compartilhar e também para construir novas narrativas. O resultado foi a redução dos conflitos ao longo do ano seguinte e um forte sentimento de unidade.

No âmbito do Judiciário, os Círculos têm sido uma alternativa para pacificação dos ânimos, possibilitado a resolução de litígios de diversas naturezas, inclusive em esfera familiar e penal, cuja carga emocional é muito grande. Promove a melhora qualitativa das relações interpessoais e a solução de controvérsias de forma consciente e comprometida. No Círculo é possibilitado o acolhimento dos sentimentos e necessidades de todos. É um espaço para as pessoas diretamente envolvidas nos conflitos e também para suas redes de pertinência (rede primária). Em alguns aspectos os Círculos Restaurativos superam outros métodos mediados para transformação de conflitos em que tais redes, quando participam dos encontros (Círculos), o fazem com o objetivo de dar suporte às partes, sem que sejam construídos espaços para suas demandas pessoais.

Os círculos são tão encantadores quanto necessários para esse conturbado momento de nossa existência. Somos testemunhas dos danos decorrentes de nossa desconexão tanto quanto do poder de cura que a conexão tem. Os Círculos são espaços de encontro. Precisamos mais do que nunca encontrar maneiras de compreender e respeitar nossas diferenças e reconhecer a valiosa contribuição de cada pessoa, para criar um espaço comum qualitativamente diferenciado.

O modelo integrativo de convivência adquire “totalidade / globalidade”, por não se limitar apenas as situações específicas de resolução de conflitos, mas por ter como objetivo provocar real e sustentável mudança no sistema escolar que perdure no tempo e que seja um modelo construtivo e pacífico de convivência e resolução de conflitos. Para isso é global e por isso é necessária a participação da própria sociedade, já que todas as esferas estão intimamente interligadas, seja a família, a escola ou a comunidade.

Quando a escola se organiza a partir de um sistema de convivência, com regras de convívio claras, priorizando o respeito e o cumprimento dos direitos de cada um, sem abusos, os episódios envolvendo violência passam a ser esparsos e controláveis. Isso por que ao vivenciar um sistema de convívio, com práticas de mediação, círculos de conversa e outras ferramentas de solução dos conflitos e adversidades, as partes em desentendimento, aprendem a utilizar uma forma de comunicação mais adequada e a buscar compreender os sentimentos dos outros; a compartilhar experiências; a desenvolver a autoconfiança e a pensar criativamente⁵.

O processo envolve ética e empodera alunos e professores para assumir a responsabilidade sobre suas ações e sobre suas escolhas. Coloca em prática o binômio “direito-deveres”. Estimula o respeito às regras de convívio e demonstra o quanto é importante o processo de formação plena dos jovens.

Assim, para que a escola desempenhe seu papel de formar os alunos para tornarem-se indivíduos mais pacíficos ou pacificadores e éticos⁶ é de fundamental importância trabalhar o

⁵ CRISPINO, Alvaro. CRISPINO, Raquel S. P. Políticas Educacionais de Redução da Violência, Mediação do Conflito Escolar. Editora Biruta. 2002.

⁶ ALZATE, Ramón. *in* Enfoque global de la escuela como marco de aplicación de los programas de Resolución de Conflictos. BRADONI, F.

tema da violência escolar e de todas as condutas anti-sociais com todos os envolvidos direta ou indiretamente.

Os resultados percebidos envolvem, dentre outros, a redução de indisciplina e, conseqüentemente a redução na aplicação de castigos; melhora do clima escolar; gera o aumento da autoestima e principalmente a responsabilidade e a confiança dos alunos no projeto.

Acreditar que o abismo que nasce entre as pessoas decorre quase sempre de problemas na comunicação permite encontrar soluções. O conflito tem origem e fim no diálogo. Surge de sua escassez ou baixa qualidade e cessa por sua abundância ou alta qualidade.

Os Círculos, assim como a Mediação (assim como outros métodos mediados) constroem as pontes que permitem percorrer do espaço de inadequação ao caminho da reorientação, mudando a qualidade da comunicação e da relação. Surgem para eliminar o abismo, e como uma ponte leva ao diálogo e entendimento.

O ser humano, seja lá qual for a sua motivação, seguirá sempre desbravando novos caminhos.

Fica então a pergunta: lançamo-nos cegamente em queda livre, trampolim para o não saber onde parar ou superamos o abismo voando em direção a um mundo pacificado através de pontes dialógicas?